

humanitas



Vol. XI-XII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Vol. 1
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIX-LX



BΩΜΟΛΟΧΟΣ

(A PROPÓSITO DE TER., *EVNVCHVS* 489-491)

Quando nos volumes II-III da Nova Série de *Humanitas* (1953-4) publiquei uma recensão do livro de Antonio Barbieri, *La vis comica in Terenzio* (Paideia, Arona, 1951, 300 páginas), tive ocasião de escrever o que me parecia de um passo do *Eunuchus* terenciano de que o autor se ocupara.

A páginas 134-5 (cf. p. 209), Barbieri fala da «ingegnosissima apostrofe dei vv. 489-91». Tive então oportunidade de sugerir que o passo representava um claro reflexo do original grego (1).

Os versos do *Eunuchus* são os seguintes:

PA. Tace tu, quem te ego esse infra infimos omnis puto
homines; nam qui huic animum adsentari induxeris,
491 e flamma petere te cibum posse arbitror.

* * *

Seria possível escrever um longo artigo sobre este passo. Bastava para isso citar várias traduções e comentá-las; analisar, por exemplo, os *loci* dos diversos autores mencionados no *Thesaurus Graecae Linguae* de H. Estienne (e para arranjar umas páginas mais, discutir

(1) «[...] parece-nos apenas uma descrição do tipo cómico chamado na comédia grega o βωμολόχος e definido como (οἱ) πρὸς τοῖσι βωμοῖς πανταχοῦ ἀεὶ λοχῶντες em Ferécates 141 (cf. o comentário respectivo em Kock). Sobre as variedades deste tipo, cf., por exemplo, Pickard-Cambridge, *Dithyramb, Tragedy and Comedy* (Oxford, 1927), pg. 270 e seguintes».

as notas dos respectivos comentadores); acumular os comentários e as referências, seguindo pistas várias de autor em autor e de comentador em comentador.

Nada disso farei, limitando-me antes a dar a linha geral dos sentidos de *βωμολόχος* em grego e a pôr em relevo a importância da versão latina deste epíteto pejorativo.

Quanto aos comentadores de Terêncio, reduzi-los-ei a uma espécie de fórmula comum, mencionando apenas os casos em que há alguma originalidade no contributo pessoal. E assim mesmo, nunca é fácil dizer se tal ou tal observação, que parece nova, o é de facto. Na verdade, os comentadores de Terêncio, como os de qualquer outro autor grego ou latino à discrição, copiam-se implacavelmente uns aos outros, geralmente sem menção dos predecessores. E outro tanto fazem os dicionaristas.

Ao ler o passo terenciano em questão, veio-me ao pensamento um trecho de Ferécates encontrado em uma das muitas excursões que fiz durante anos pelos «Comicorum Atticorum Fragmenta» de Theodor Kock. Aliás, bastava que o passo sugerisse a lembrança do *βωμολόχος* para logo se encontrar em Liddell-Scott *sub voce* o fragmento de Ferécates. Aí o adjectivo composto é explicado etimologicamente: «não vá alguém chamar-nos *βωμολόχοι*, se andarmos sempre escondidos (*λοχῶντες*) junto dos altares (*πρὸς τοῖς βωμοῖς*).»

O texto, citado da última edição dos «Comicorum Atticorum Fragmenta» por J. M. Edmonds (1), é o seguinte:

ΘΕΟΣ κἄπειθ' ἵνα μὴ πρὸς τοῖσ' ἱερῶν βωμοῖς πανταχοῦ
 ἀεὶ λοχῶντες βωμολόχοι καλώμεθα
 ἐποίησεν ὁ Ζεὺς καπνοδόκην μεγάλην πάνυ

Da explicação etimológica facilmente se chega ao sentido de «aquele que esperava à roda dos altares, para pedir ou roubar alguma da carne aí exposta» (Liddell-Scott).

Sendo esta prática pouco comum, e característica de pessoas sem escrúpulos religiosos e sem respeito por si próprias, mais ainda que

(1) «The Fragments of Attic Comedy after Meineke, Bergk and Kock augmented, newly edited with their contexts, annotated, and completely trans-

necessitadas, não é difícil ver como daí se passou ao sentido de «pessoa sem vergonha, descarada, atrevida; vigarista, burlão, palhaço» (1).

Da atitude psicológica dos indivíduos que procuram agradar para enganar, usando falas lisonjeiras, resulta naturalmente o sentido de «adulador, parasita, bobo» que a palavra vem a adquirir igualmente.

Pickard-Cambridge (2) ocupou-se do *βωμολόχος* como personagem da Comédia Grega, tratando particularmente do jogo entre *ἀλαζών* e *βωμολόχος*, entre o extrovertido, exagerado, cheio de confiança em si e o agente provocador que explora essa paixão por si próprio que tem o *ἀλαζών*.

O excitador da comicidade, que faz inchar o amor-próprio do fanfarrão (*ἀλαζών*), apresentando-se como personagem ingénua e crédula umas vezes, e outras como um exasperante contraditor e crítico, é o *βωμολόχος*. Seja, porém, qual for o processo empregado, dele resulta uma exposição mais evidente dos aspectos ridículos do *ἀλαζών*.

Só em Aristófanes, o termo *βωμολόχος* (para não falar das inúmeras situações dramáticas em que há um personagem que merece

lated into English verse by John Maxwell Edmonds». Leiden, Brill, vol. I, 1957; vol. II, 1959.

Mr. J. M. Edmonds morreu depois da publicação do vol. I, em Março de 1958. O seu trabalho, apesar de ser o fruto de muitos anos de investigação, tem naturalmente senões. Um deles, em minha modesta opinião, é o da tradução em verso dos fragmentos. A versão inglesa é um progresso em relação aos editores que o precederam, mas a versificação, conquanto engenhosa, obriga Edmonds a dizer umas vezes mais e outras menos do que está no original.

O fragmento 141 de Ferécates, completo, é assim traduzido, na pág. 259 do volume I:

«A GOD. Next, to prevent our being called altar-tout
Because, like them, we've had to hang about
Wherever there's sacrificing, Zeus Most High
Has made a great big chimney of the sky.»

(1) Harpocraton, de onde o fragmento é extraído, contém a seguinte explicação que cito, segundo o texto de Edmonds:

«βωμολοχεύεσθαι · κυρίως ἐλέγοντο βωμολόχοι οἱ ἐπὶ τῶν θυσιαῶν ὑπὸ τοῦς βωμοῦς καθίζοντες καὶ μετὰ κολακείας προσαιτούντες· [...]».

(2) «Dithyramb, Tragedy and Comedy». Oxford, 1927, pgs. 270 e segs.

este nome) surge 7 vezes (1). A variedade mais conhecida desta personagem é o parasita que acompanha os soldados fanfarrões (2) de Plauto e Terêncio.

Em Gil Vicente encontra-se com frequência o jogo entre o *ἀλαζών* e o *βωμολόχος*, como mais de uma vez fiz notar em aulas de Literatura Grega e de Literatura Latina e tratei mais desenvolvidamente numa conferência feita em Nova York e ainda não publicada. O nosso dramaturgo não foi buscar os modelos ao teatro grego que não conhecia, mas a ocorrência destes caracteres na sua obra é consequência natural do próprio esquema cómico e a ele inerente.

* * *

Mas voltemos ao passo terenciano que está tão perto do sentido original do *βωμολόχος*, que quase parece explicar analiticamente o epíteto composto do grego.

Os comentadores de *Eun.* 491, tanto os da antiga tradição das notas em latim, como os modernos, seguem sempre Donato que viu neste passo uma expressão proverbial (3). Assim as edições de Giles (4),

(1) Cf. O. J. Todd, «Index Aristophaneus», Harvard University Press, 1932, s. v.

(2) O *ἀλαζών* pode apresentar-se como personagem de carácter mais subtil do que o seu tipo extremo, o *Miles Gloriosus*. Diz Pickard-Cambridge na obra citada: «A considerable part of many plays of Aristophanes consists of scenes in which a person of absurd or extravagant pretensions is derided or made a fool of by a person who plays the buffoon-scenes (to use the convenient Greek terms) between an *ἀλαζών* and a *βωμολόχος*. The *ἀλαζών* may be a sophist or philosopher — Hippo in the *Πανόπται* of Cratinus, Socrates in the *Clouds* of Aristophanes, and the *Κόννος* of Ameipsias; or a politician (Cleon), a quack-doctor or apothecary, a stargazer (Meton), a prophet, an ecstatic poet (Cinesias, etc.), a boastful soldier (Lamachus), an elegant aesthete (Agathon) — anyone who feels himself to be out of the common and takes himself too seriously. Euripides and even Aeschylus in the *Frogs* have something of the *ἀλαζών* in them». (p. 270-1).

Cf. ainda a bibliografia citada em notas ao fundo da página por Pickard-Cambridge.

(3) «*E flamma te petere cibum arbitrator*] Vnde sine damno aut malo nihil potest auferri. E flamma] Hoc intelligit, non ex foco, sed ex medio igni, uel incendio flammae. Nam antiquum uerbum est, *Petere cibum e flamma*. [...]» D. O texto de Donato foi extraído da edição de Giles mencionada na nota 8.

(4) «Publii Terentii Carthaginiensis Afri Comoediae Sex, ex recensione Frid. Lindembrogii et cum notis selectis Bentleii, Lindembrogii, Westerhovii, Zeuniique,

Klotz (1), Philips (2), Bonino (3), Fabia (4), para citar apenas estas.

A edição de Philips, que encontrei na New York Public Library, é a única das por mim consultadas que confirma a minha sugestão de 1954 de que se trata de uma versão parafrástica do conhecido insulto da comédia grega: *Βωμολόχος*. E ainda assim, fá-lo de forma indirecta e como lembrança de Farnalius: «Plutarch mentions this as a practice of buffoons, *βωμολόχων καὶ πλανώμενον γένος FAR.*» (= Farnalius).

Alguns comentadores indicam passos de autores latinos que se referem ao *silicernium* (5) ou «festim funerário». Os *loci* tradicionais (6) são Plauto, *Pseudolus*, 361; Catulo *LIX*, 2 *segs.*; Tibulo, *I*, 5, 53 *segs.*; Virgílio, *Aen.* VI, 177. Todavia, os dois últimos pouco têm que ver com o texto terenciano.

O passo de Plauto é o mais frequentemente citado e o que mais relação tem com *Eun.* 491. É, com efeito, no *Pseudolus* plautino que se

necnon scholiis Aelii Donati, Calpurnii et Eugraphii: quibus nunc primum scholia Anonymi (fortasse Callipii) et picturas ueteres ab Ang. Maio et Godd. Ambros. nuper edita, adjunxit J. A. GILES, A. M. et C.C.C. Oxon., Londini, Impensis Jacobi Bohn. Oxonii, typis Henrici Cooke, MCCCXXXVII».

(1) «P. Terenti Eunuchus cum scholiis Donati et Eugraphii edidit Reinholdus KLOTZ. Lipsiae, sumptum fecit E. B. Schwickert, 1838».

(2) «Publii Terentii Afri Comoediae Sex. The Comedies of Terence carefully revised from the text of Zeunius: with copious English notes translated and abridged from those of Lindenbrogius, Donatus, Eugraphius, Calpurnius, Westerhovius, Ruhnkenius, Bentley, Faernus, Faber, Farnalius, Boeclerus, and all the other commentators ancient and modern; with much original annotation critical and explanatory; a memoir of Terence and summaries of the dramas; the Terentian metres practically explained with ample instructions on the metre and mode of scansion of every like by J. A. PHILIPS, A.B.T. C.D. New Edition. Dublin, 1845 (?)».

(3) «P. Terentii Afri Eunuchus con note italiane del Prof. G. B. Bonino. Società Dante Alighieri, Roma-Milano, 1909».

(4) «P. Terenti Afri Eunuchus. Texte latin avec une Introduction et un Commentaire explicatif et critique par Philippe Fabia professeur à la Faculté des Lettres de Lyon. Paris, Armand Colin, 1895».

(5) A palavra é usada como um insulto em *Ter. Ad.*, 587. Quer em Plauto quer em Terêncio, substantivos neutros são usados frequentemente em função adjectiva, sobretudo como formas de insulto.

(6) Todos citados por Bonino (cf. nota 11). Citados em parte por outros comentadores.

encontra o epíteto composto *bustirapus*, mencionado por Marouzeau (1) no seu comentário.

Tomado no seu valor mais restrito, aquele que os dicionários geralmente lhe dão, *bustirapus* significa «o que rouba túmulos», geralmente por arrombamento. Deste modo é o equivalente próximo de um outro composto grego *τυμβωρύχος*, como assinala o *Thesaurus Linguae Latinae*, s.v. *bustirapus*. A palavra, aliás, parece só ocorrer uma vez, sendo assim um dos muitos compostos ἄπ. λεγ. de Plauto.

Tomada, porém, num sentido mais geral, como fez Ussing citado por Fabia (2), o impropério *bustirape*, dirigido pelo escravo ao *leno* Ballio, equivale a «qui ex busto ardentique rogo ea, quae mortuis adolenda sunt, rapere audeas» (Ussing). Os dois sentidos são, aliás, possíveis em *bustum* que significa «pira fúnebre», «túmulo», «urna cinerária».

E desta maneira, *bustirapus* tanto pode traduzir o grego *τυμβωρύχος* «ladrão de túmulos» como *βωμολόχος* «ladrão de altares», «trapaceiros», dois compostos que têm um comum significado pejorativo.

O adjectivo é apenas um de entre muitos da colecção de termos injuriosos com que o *adulescens* Calidorus, ludibriado pelo *leno* Ballio, e o *seruus* Pseudolus mimoseiam o traficante de escravas. Os outros são (*hominum*) *peiiurissime*, *scelestes*, *inpudice*, *uerbero*, *furcifer*, *sociofraude*, *parricida*, *sacrilege*, *peiiure*, *legerupa*, *permities adulescentum*, *fur*, *fugitiue*, *fraus populi*, *fraudulente*, *inpure*, culminando no abjecto nome da sua profissão, usado por Pseudolus como um insulto, *leno*, e em um neutro achincalhante (3), *caenum*, empregado por Calidorus. Aparecem também frases de significado insultuoso a tomar o lugar de epítetos, como *uerberauisti patrem atque matrem*, acusação recebida jocosamente (como também no caso dos adjectivos desprimorosos) pelo desavergonhado Ballio que acrescenta irònicamente: *atque occidi quoque* [...].

Em outra comédia, Plauto usa uma expressão parafrástica como equivalente de *βωμολόχος*.

No verso 140 do *Rudens*, o escravo Sceparnio, cuja linguagem insolente é óbvia, mesmo em relação a Daemones «qui pro eo argen-

(1) Les Belles Lettres, Paris, 1942, p. 257, n. 1.

(2) Cf. a nota 12.

(3) Cf. a nota 13.

tum dedit» (1), faz uma observação injuriosa a respeito do jovem Pleusidippus, sem o conhecer sequer:

SC. *Heus tu qui fana uentris causa circumis,
iubere meliust prandium ornari domi.*

Um comentador, pelo menos, viu aqui referência ao βωμολόχος. Na sua edição crítica do *Rudens* Friedrich Marx (2) escreveu: «Für die Echtheit von 140 spricht der Umstand, dass der Vers den Eindruck eines wenig glücklichen Versuchs macht, das grieschische Wort βωμολόχος ins Lateinische zu übersetzen: οὕτως σὺ, βωμολόχε began etwa der Vers des Diphilus. Es ist bezeichnend (3), dass im Passowschen Wörterbuch unter βωμολόχος dieser Vers des Rudens zur Erklärung herangezogen wird».

A alusão ao insulto tradicional da comédia grega, o adjetivo composto βωμολόχος, parece evidente e pelo menos três autoridades, a saber, Estienne, Passow e Friedrich Marx, assim pensam. Todavia, aqui, a referência à realidade concreta pesa mais do que o valor figurado da paráfrase.

Com efeito, está perto um templo de Vénus, onde fora previamente combinado um sacrifício, e o jovem Pleusidippus afirma ter vindo ao local para almoçar. Mais ainda, apetite não lhe falta, devido à caminhada, mas quem o convidou, um traiçoeiro *leno*, havia faltado à entrevista.

Deste modo, no espírito maldoso do escravo Sceparnio, a ideia de que Pleusidippus se verá forçado a roubar a carne dos sacrifícios pode ser mais do que uma expressão figurada. Em todo o caso, é inegável que a intenção insultuosa se encontra presente e que a frase «qui fana uentris causa circumis», é certamente uma paráfrase de βωμολόχος.

(1) Cf. verso 98.

(2) «Plautus, Rudens. Text und Commentar von Friedrich Marx. Der xxxviii. Band der Abhandlungen der Philologisch-Historischen Klasse der sächsischen Akademie der Wissenschaften» Nr. V, Leipzig, 1928». P. 82.

(3) Não disponho de elementos para discutir questões de prioridade, porque me falta a 1.^a edição de Passow e também não tenho ao meu dispor nenhuma das edições mais antigas do *Thesaurus Linguae Graecae* de H. Estienne. Mas na edição de 1820 desta obra, que utilizei, já se encontra s.v. βωμολόχος a referência ao passo plautino do *Rudens*.

Todavia, em Terêncio, a versão parafrástica do grego *βωμολόχος* é mais perfeita. E a ausência total de uma situação concreta que possa provocar o equívoco — não há ali templo nem altar — torna a intenção do autor muito mais clara. Não fica a menor dúvida de que o escravo Parmeno, em defesa dos interesses do seu jovem amo, ataca deliberadamente o parasita Gnatho que, por sua vez, defende quem lhe dá o pão, o soldado Thraso.

Demais, Parmeno chama *βωμολόχος* ao parasita que, do ponto de vista da caracterização dramática, está de facto desempenhando o tradicional papel de *βωμολόχος* dos parasitas da Comédia Ática.

Por isso, Parmeno exclama: «Cala-te! Sim, tu a quem eu considero mais baixo que os homens mais baixos. Quem se dispõe a adular este indivíduo (o soldado fanfarrão), *julgo-o capaz de ir tirar das chamas o sustento*»: *...e flamma petere te cibum posse arbitror.*

* * *

A versão parafrástica de *βωμολόχος* está, por outro lado, mais no espírito do latim do que a sua reprodução num adjectivo composto latino.

Com efeito, o emprego da composição nominal em latim, para reproduzir o vocabulário helénico, tornou-se menos geral e mais discriminado com o uso literário da língua. E, neste ponto, a passagem de Plauto para Terêncio representa uma transformação completa na estética do idioma.

Naturalmente, a mudança de gosto no vocabulário corresponde em grande parte às diferenças de estilo entre os dois autores. Plauto apresenta hábitos vocabulares típicos da Comédia Antiga e os seus longos epítetos compostos têm frequentemente ressonâncias aristofânicas. Ao passo que Terêncio está quase inteiramente fora do espírito da Comédia Antiga grega e da sua característica adjectivação. Este facto conjugado com a elocução mais polida das suas personagens (de certo, reflexo do gosto mais exigente dos seus amigos aristocratas) dá ao vocabulário terenciano um sabor de modernidade em relação ao uso plautino.

Este breve artigo sobre a versão de *βωμολόχος* confirma as conclusões de Slaughter (1), por sua vez confirmativas de pesquisas ante-

(1) Moses S. Slaughter, «The substantives of Terence». Johns Hopkins University, 1891, pg. 31.

riormente realizadas por Engelbrecht (1): «Dos estudos sobre os diversos inquéritos de estilo por mim realizados, é fácil concluir que Terêncio merece a reputação de que goza como escritor apurado. Engelbrecht (p. 79), depois de investigar as formas típicas de Plauto e Terêncio, reivindica para Terêncio uma latinidade mais próxima da de Cícero, que da de Plauto. O presente estudo, circunscrito aos substantivos de Plauto e Terêncio, chega a uma conclusão semelhante».

Nova York, Dezembro de 1960.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(1) August G. Engelbrecht, «Studia Terentiana», Wien, 1883.